

Homenagem, gratidão e tensão: um estudo sobre três monumentos à imigração no Sul do Brasil

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos¹

O texto propõe a leitura de três monumentos à imigração no Sul do Brasil: o monumento aos Açorianos, em Porto Alegre, o monumento à Imigração, em São Leopoldo e o monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul na perspectiva da memória e do patrimônio histórico cultural da imigração. O mote para as construções foram variados, mas em geral estão ligados a comemorações e datas significativas para os grupos imigrantes, como os cinquentenários ou centenários ou a datas ligadas ao aniversário dos municípios que prestam as homenagens. São, portanto, homenagens de gratidão e podem representar o agradecimento dos governos e da sociedade aos grupos imigrantes que vieram para a sua região. É a partir de uma memória da imigração que quer ser guardada que os diferentes grupos, tanto da sociedade civil, quanto dos poderes públicos, se organizam e propõe essas obras de arte.

Sabemos que na grande maioria das vezes, autoridades dos mais variados âmbitos estão relacionadas a esta edificação, consagrando o passado, mas também se legitimando através desta ação. Neste sentido, pensar que a criação de um monumento é um movimento neutro é ingenuidade, visto que há uma grande disputa no que se refere às imagens públicas que identificam um todo visto que quase sempre envolvem um determinado grupo da sociedade, e também o Estado. Estas considerações nos remetem, por seu turno, às relações que perpassaram a construção dos monumentos estudados.

Neste sentido, o texto está direcionado não só para a obra de arte em si, seus idealizadores e construtores, mas também se dirige ao contexto histórico e à

¹ Doutora em História. Professora da Graduação e do PPGH da UNISINOS.

organização dos grupos analisando as tensões e os conflitos porventura existentes no desenrolar desse processo assim como analisa a festa de inauguração e os discursos aí pronunciados. Nestes momentos de festa é que a memória é revivificada e o patrimônio cultural imigrante é ressaltado. “Afim, o que são os monumentos numa cidade”, pergunta Freire (1997:55). *Os monumentos são um dos suportes mais nítidos e socialmente compartilhados da memória coletiva*, diz a mesma autora (1997:45). O monumento neste caso está sendo tomado como *res publica*, como algo em exposição na cidade. Sendo assim, a cidade é, também, objeto de nossa reflexão pela leitura de seus monumentos, mostrados enquanto suportes materiais da memória já que os objetos escultóricos que compõe a paisagem urbana vão além de uma função paisagística ou decorativa. Eles representam a sociedade que os produziu.

Monumento aos açorianos em Porto Alegre - O contexto histórico em que se homenageia em Porto Alegre aos imigrantes açorianos tem raízes no século XVIII, quando da sua chegada ao Sul do Brasil como *casais de número*, *casais d’El Rei* ou *ilhéus*. Embora portugueses das Ilhas, sua identidade açoriana foi sublinhada e reafirmada em diferentes momentos e de acordo com os objetivos desejados tanto pelos próprios açorianos quanto pelos governos ou mesmo pelos historiadores. Tiveram no caso, uma identidade atribuída já que a construção de uma identidade é baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores (1998, p. 141). Mesmo que se identificassem como de um lugar (São Miguel, do Faial, da Terceira ou de São Jorge), aqui foram conhecidos e descritos com outros nomes pelos luso-brasileiros que já ocupavam o território no séc. XVIII. A distinção se fazia ou pela origem (das Ilhas), ou pela conotação política decorrente da sua situação de emigrantes, não necessariamente pelos outros signos de que os açorianos eram portadores (idioma ou religião, por exemplo). Isto os marcará ao longo do tempo para as mais diversas ações.

Ao revisitar a história açoriana no Sul do Brasil queremos mostrá-la simbolicamente através da homenagem prestada pelos poderes públicos a tais imigrantes estudando o contexto que envolveu a construção do monumento aos

açorianos erigido na cidade de Porto Alegre, no ano de 1974. Entendemos estas comemorações como parte do processo de construção da memória coletiva da cidade enquanto lugar de memória. Nora (1993, p. 13) diz que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar os arquivos, de que é preciso respeitar aniversários, organizar celebrações [...]”. No contexto da imigração, os monumentos construídos nestas datas simbólicas têm também a capacidade de reforçar a identidade do grupo homenageado e apresentar uma nova perspectiva na maneira de percebê-la. É então que se compreende a lógica do monumento: remeter a algo ausente, rememorar, despertar a lembrança, eternizar através do imaginário social.

Em Alois Riegl encontramos que “o monumento é uma criação deliberada cuja destinação foi pensada a priori, de forma imediata” (1903:36). Ou seja, um monumento é planejado com antecedência em sua representação é pensado geográfica e arquitetonicamente, responde aos anseios e solicitações da comunidade e aos objetivos dos governantes ou, ainda, a ambos os preitos. A par desta constatação, verificamos que a elaboração do Monumento aos Açorianos em Porto Alegre teve uma história anterior que remonta aos anos 1930 quando os urbanistas Edvaldo Pereira Paiva e Ubatuba de Farias planejaram um monumento aos “60 casais açorianos”, num projeto que incluía uma nova prefeitura e um complexo administrativo. O projeto não se realizou. Mais tarde, no Governo de Leonel Brizola na Prefeitura de Porto Alegre, nos anos 1950, foi feito um concurso para construir uma obra de arte junto ao Viaduto dos Açorianos, recém construído. Entrava, para ficar definitivamente na história urbanística de Porto Alegre a palavra “açorianos”. Mas, o projeto novamente foi esquecido. Em 1970, então, a Secretaria de Obras e Viação de Porto Alegre “convidou Carlos Tenius para realizar a mesma obra” cujo protótipo foi apresentado em 1973, obtendo aprovação dos solicitantes. Na semana de Porto Alegre de março de 1974 o monumento foi inaugurado diante de autoridades do Município e do Estado e do Embaixador de Portugal no Brasil, José Hermano Saraiva. Em seu discurso, o Prefeito Telmo Thompson Flores disse:

“Dentre as solenidades de hoje, que assinalam a data da cidade, ela vem prestar a sua homenagem de extremado carinho aos pioneiros açorianos que aqui chegaram há 200 anos, para edificá-la e engrandecê-la. Este monumento, que aqui erguemos, de autoria do escultor Carlos Gustavo Tenius, relevo de arte no Parque dos Açorianos, simbolizará para todo o sempre a imorredoura gratidão dos habitantes da “mui leal e valorosa cidade” de Porto Alegre” (CP. 27 de março de 1974, p.).

Monumento ao imigrante em São Leopoldo - Ao observarmos um monumento, rememoramos o passado de um povo, de uma cidade, porém desconhecemos, muitas vezes, os agentes ou grupos sociais que produziram tal objeto. É o caso do monumento ao imigrante em São Leopoldo. Buscando os fundamentos históricos desta imigração encontramos que os imigrantes alemães chegados a São Leopoldo em 25 de julho de 1824 foram destinados a povoar e colonizar uma área que necessitava de homens para ocupá-las através de pequenas propriedades rurais. O sítio destinado para o início do processo no Sul do Brasil foi o da Real Feitoria do Linho Cânhamo, posteriormente São Leopoldo. Tal como ocorrera com os açorianos, os imigrantes oriundos dos territórios que hoje compõe a Alemanha foram nominados alemães e aqui passaram a ter uma identidade única. Eram, naquele contexto, os outros, os “alemães”. Vários elementos identitários poderiam se invocados para estabelecer as diferenças.

Relendo esta imigração no sentido da construção de uma memória encontramos algumas marcas escultóricas que homenagearam aos imigrantes alemães na cidade de São Leopoldo. O primeiro destes monumentos começou a ser erigido em 1924 e corresponde às comemorações do centenário da imigração conforme reportagem publicada na [folha alemã] *Deutsche Post* na data de 27 de julho de 1925.

A ideia inicial de construção de um monumento que homenageasse os alemães surgiu durante as tratativas da comemoração do Centenário da Imigração Alemã no município e região foi de Arthur Ebling, participante da comissão de organização da festa em São Leopoldo. Ele sugeriu a construção de um obelisco contendo placas de bronze que representassem personagens importantes para a história e desenvolvimento do município. O local onde o monumento deveria ser edificado era o mesmo que havia

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

presenciado a chegada dos primeiros imigrantes alemães na região, à margem do Rio dos Sinos. Ali era o lugar de memória dos imigrantes.

Duas comissões de cidadãos [particulares] foram formadas para a organização das comemorações, uma comissão pró-monumento, responsável pela arrecadação de recursos para a construção do mesmo e outra e responsável pelas demais sugestões levantadas para a comemoração da data.

A comissão pró-monumento foi iniciativa da Sociedade Ginástica Leopoldense, e era formada por Leopoldo Hofmann, Carlos Augusto Meyer, Roberto Dörnte, J. Edmundo Mohr, Ernesto Rotermond, Walter Dreschler e Carlos F. Niederhut. Várias localidades contribuíram para a construção do monumento, sendo que o maior donativo foi feito por moradores da cidade de São Leopoldo, sendo possível observar que dentre os doadores, a maioria possuía descendência alemã. Além desta comissão de arrecadação havia outra dirigida por Sílvio Kraemer e João E. Mohr que organizou atividades entre as quais concursos de beleza, de vitrines e de carnaval. As duas comissões buscavam auxiliar no recolhimento de verba para o monumento. Para a construção do monumento também houve um concurso de projetos, sendo escolhido o de autoria de Walter Dreschler.

O monumento traz como ornamentos personagens diretamente ligados ao processo de imigração, sendo Dom Pedro I e a Imperatriz D. Leopoldina os imperadores do Brasil quando da chegada dos imigrantes alemães em São Leopoldo. O Visconde de São Leopoldo é outro personagem que figura no monumento. Ele fora Presidente da Província do Rio Grande do Sul na época da chegada dos imigrantes, e era reconhecido por seus méritos neste processo. Ele receberá posteriormente no Rio de Janeiro, o título de Visconde de São Leopoldo e o cargo de Ministro do Império. Outra figura importante neste processo e que tem seu lugar no monumento é o Dr. João Daniel Hillebrand que, além de médico da colônia, foi vereador e ocupou o cargo de Presidente da Câmara Municipal de São Leopoldo além de ter sido, também, Diretor da Colônia Alemã de São Leopoldo. Telmo Lauro Müller, historiador da Cidade de São Leopoldo assim descreve o monumento em suas figuras principais:

No lado norte, frente para o Rio dos Sinos: um busto do Visconde de São Leopoldo, em grés, encimado pelos seguintes dizeres: “Homenagem ao fundador de São Leopoldo”. No lado leste, frente

para rua Independência, antiga rua do Passo; um bronze com as efígies de D. Pedro I e da Imperatriz D. Leopoldina. No lado oeste, frente para a estação Rodoviária: um bronze com a efígie do Dr. João Daniel Hillebrand. No sul, frente para a rua Dom João Becker, uma figura humana, tamanho natural, em bronze, representando o colono imigrante. Sobre a figura a inscrição (...) com a tradução dela: EM MEMÓRIA DE NOSSOS ANTEPASSADOS. Ladeando a figura, duas datas: 1824-1924. (MÜLLER, Telmo Lauro. Monumentos em São Leopoldo, p.11).

Quanto à inauguração do monumento, ainda que a maquete já houvesse sido exposta desde abril de 1924, ele foi inaugurado oficialmente em julho de 1925, ou seja, um ano após as comemorações do Centenário da Imigração Alemã.

A folha alemã *Deutsche Post*, de propriedade de um dos homens que formavam a comissão responsável pelas comemorações do Centenário da Imigração, noticiou o ato inaugural do monumento. A importância e grandiosidade da inauguração pode ser aquilatada pela descrição da festa, do número de convidados, da presença da orquestra, do hasteamento das bandeiras brasileira e alemã e também pela presença de autoridades municipais, estaduais e federais, além de diretores de instituições, visitantes de honra, ginastas e público em geral.

A inauguração do monumento se deu em meio à entoação em coro da canção alemã *Brüder reicht die Hand zum Bunde* (Irmãos, estendam as mãos para a Nação) por mais de 100 vozes das sociedades de canto de São Leopoldo e de municípios vizinhos. Depois vieram os discursos do redator principal da *Deutsche Post*, Dr. M. Fischer. Este, falando em língua alemã, **entregou oficialmente o Monumento aos cuidados das autoridades municipais** (grifos nossos). Então, em língua portuguesa foi dito:

“Os são leopoldenses de descendência teuta vos pedem para zelar sempre como homenagem prestada aos seus maiores, aos bravos pioneiros, que há 101 anos aqui saltaram para desbravar matas, cultivar terras e estabelecer um novo lar, como homenagem prestada aos excelsos fundadores e à benfazeja fundação de São Leopoldo, viveiro fertilíssimo de colonos esforçados, trabalhadores incansáveis, cidadãos dedicados, pacíficos e ordeiros, célula mater de uma obra formidável de cultura e progresso...”
(*Deutsche Post*, 27 de jul., 1925).

A festa de inauguração de um monumento, inserida no contexto das comemorações do centenário da imigração, marca, em nossa compreensão, a exaltação

de um passado comum que promove um pertencimento étnico. Pode-se verificar que tanto a construção do Monumento ao Imigrante quanto a sua inauguração foram realizadas a partir do interesse da própria comunidade teuta a fim de comemorar um passado comum que, nos parece, reforçava a identidade do grupo. Hoje esta comemoração se constitui como uma memória de todos, descendentes ou não de imigrantes alemães, de todos aqueles moradores de São Leopoldo. O monumento, por seu turno faz parte, hoje, do patrimônio histórico cultural da cidade de São Leopoldo embora muitos passem pela cidade sem vê-lo. Neste sentido usamos aqui a expressão de Dvorák (2008:15) quando considera que um dos perigos que ameaça os antigos monumentos (...) é principalmente o fato de eles não exercerem [mais] a função para a qual foram criados, sendo então os monumentos *“não apenas uma lembrança do passado, mas a garantia às sociedades atuais do sentido de pertencimento”*. É a partir do pensamento de Aloïs Riegl, de que o monumento deveria ser considerado um documento, que Dvorák desenvolve seu pensamento de preservação do mesmo.

Monumento Nacional ao Imigrante em Caxias do Sul

“Monumentos históricos são sempre únicos, não reproduzíveis e devem portar consigo para o futuro seus elementos caracterizadores e as marcas de sua translação no tempo; todo cuidado é pouco, pois esses monumentos/documentos permitem infinitas possibilidades de atualização ao longo do tempo, por um grupo social ou por uma consciência individual, oferecendo, sempre, renovadas leituras e interpretações” (Dvorák: 2008, p.57).

“A idéia da construção do Monumento Nacional aos Imigrantes, de Caxias do Sul surgiu em janeiro de 1949, lançada por Luis Compagnoni através da Rádio Caxias. Segundo a sua sugestão a escultura deveria representar: *“um casal de pioneiros, jovens, corajosos, resolutos (...) acompanhados por um filho”*, conforme escreveu Adami (1966 : 22). Em 1949, “foi organizada uma subcomissão da Comissão central que organizava os trabalhos e atividades para a comemoração do aniversário da imigração italiana e da Festa da Uva de 1950, a Comissão pró-Monumento, subordinada à comissão central, e encarregada do recolhimento de fundos para a construção e a discussão das diferentes concepções em torno do mesmo”(p. 30).

O Correio do Povo (28/2/1954) em texto de Brásio Machado Neto, especial para o CP, referiu-se à construção do Monumento Nacional ao Imigrante, em Caxias do Sul que seria inaugurado naqueles dias: *... o conjunto se destina à oferecer uma síntese da contribuição do colono ao desenvolvimento nacional e representa um preito de reconhecimento da Nação ao estrangeiro que aqui chegou com ânimo de permanecer e de trabalhar para o progresso coletivo (p.3)*. Em outra reportagem do dia seguinte (29/2/1954), o jornalista noticiava que “o monumento ao Imigrante, de autoria do escultor patricio Antonio Caringi (...) [representa] um homem, uma mulher e uma criança simbolizando uma família de imigrantes(...)”. Descerrou o manto [que cobria o monumento] o chefe da Nação [Dr. Getúlio Dorneles Vargas].

Mas a construção de um monumento necessita além do levantamento de fundos e da abertura de concurso, o uso de um espaço público, necessitando assim de autorização municipal. Cabe ressaltar que a escolha do local não é casual. Há que se lembrar do caráter político do monumento, pois a obra resgata virtudes “oferecidas como lição ao presente e ao futuro, lançando as bases de uma memória coletiva, inventando uma tradição, um passado, nos quais a comunidade possa se reconhecer” (Fabris:22).

Pode-se dizer, ainda, que a construção de um monumento é “a vontade de memória” e que um lugar de memória nasce e vive do sentimento de que não há memória espontânea, de que é necessário recorrer a datas e celebrações porque as operações que envolvem a lembrança não são naturais (Fabris: 53).